



SER MÃE E ESTUDANTE DE MEDICINA: EXPERIÊNCIAS, AUTO-COBRANÇA E SAÚDE MENTAL.

Paula Colodetti Santos¹

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro, paulacolodetti@gmail.com

Laura Lowenkron¹

¹Universidade Estadual do Rio de Janeiro, lauralowenkron@gmail.com

Propósito

Esta revisão integrativa visa refletir experiências de mães estudantes de medicina, que em sua maioria precisam lidar com a demanda dos cuidados com os filhos, com a rotina de um curso com grade em tempo integral, e no caso daquelas que estudam em universidade particular, reunir recursos para que possam custear essa graduação que atinge valores mensais de cerca de 10,6 salários mínimos. Mães que precisam contar com familiares em suas redes de apoio para esses cuidados e custeio. Mulheres que lidam com a culpa por não atenderem suas próprias expectativas, e com o incômodo de sentirem-se avaliadas por terceiros.

Procuramos com essa reflexão, rever a literatura existente sobre o tema, explorando a situação particular da maternidade entre estudantes da medicina. Sendo uma das pesquisadoras docente neste campo, e ambas com experiência na docência de mães na universidade, utilizaremos da experiência empírica para refletir a bibliografia existente, preenchendo lacunas referenciais com quais nos deparei ao estudarmos este grupo.

A hipótese central é que com tantas demandas simultâneas, se somam situações que abalam a saúde mental dessas alunas, reforçada por sentimentos de frustração, diante do grande investimento pessoal e, se esse for o caso, financeiro já feitos. Alunas que precisam continuar performando bem afim de que no futuro possam ser recompensadas. Sendo essa uma situação nova, que ocorre com a ampliação das vagas na medicina,

especialmente em faculdades particulares, não há dados suficientes sobre esses casos no cenário brasileiro.

Revisão da literatura

Atualmente, vemos o aumento da feminização no ensino superior. Na medicina, embora os homens ainda constituam a maioria dos profissionais médicos, prevê-se uma inversão desta conjuntura em curto e médio prazo, uma vez que o sexo feminino compõe a maior parte dos jovens matriculados. De acordo com Scheffer et al., 2023, “O estudante de medicina no Brasil é majoritariamente branco, do gênero feminino, com idade entre 19 e 24 anos, faz a graduação em instituições privadas e cursou o ensino médio também em escolas particulares” (p.113).

De acordo com a mesma fonte, em 2019, as mulheres passam a compor 61,1% do contingente de primeiro anistas, sendo este aumento maior entre as vagas oferecidas em faculdades particulares, representando 65,2%. Vale ressaltar ainda que a frequência de ingressantes mais velhos (faixas entre 30 e 34 anos, e 35 anos ou mais), era de 6,7%, do total de estudantes ingressantes em 2019, um aumento de 2,6 pontos percentuais em relação a avaliação anterior de 2015. Crescimento percentual que também se dá entre o grupo de 25-29 anos que representam 7,4% dos ingressantes em 2019.

Neste cenário, a acentuada das entrada das mulheres na medicina somada a extensa duração da formação médica, e o aumento da entrada de estudantes de mais idade, é provável que alunas se tornem mães durante o curso, ou que adentrem a faculdade já exercendo a maternidade (KHADJOOI; SCOTT; JONES, 2012). É importante situarmos a discussão sob a ótica interseccional (CRENSHAW, 2002), já que categorias como raça, classe social, e a situação particular de cada uma dessas mães – solo, atípicas, e outras particularidades, influenciarão diretamente na experiência de *maternagem* (O'REILLY, 2021) de cada uma.

Andrea O'Reilly (2021) propõe um “movimento feminista matricêntrico”, que possa reconhecer as potencialidades de mães enquanto acadêmicas e/ou trabalhadoras, que possa diferenciar maternidade de *maternagem*, estando esta situada em uma lógica

de cuidado capaz de ultrapassar a ideia de maternidade enquanto fonte de opressão patriarcal para “um lugar de capacitação e mudança social” (p.92).

O não-olhar para mulher mãe e acadêmica, ou trabalhadora, gera o não reconhecimento de suas escolhas ou potências. Além disso, quando valorizamos que mães possam estar em todos os espaços que almejam, implicamos toda a sociedade no cuidado, tornando este ato responsabilidade coletiva, reforçando laços de parentalidade e sociais (O'REILLY, 2021; FEDERICI, 2019).

Deslocar a ideia de que o trabalho do cuidado é instintivo, realizado em nome do amor, é poder desresponsabilizar as mães de atuarem como protagonistas dessa função e incluir toda sociedade. Desnaturalizar essa ação faz com que possamos ser “livres da exploração” e assim nos possibilita a decisão de “nos eximir dessa responsabilidade e compartilhá-la”.

Ao recusarmos a ideia de que “educar crianças e servir aqueles que trabalham é uma questão privada e individual” (FEDERICI, 2019, p.120) chamamos o coletivo a participação. O capital, se vale da *culpa materna*, para estruturar um sistema de apoio ao (homem) assalariado, sem o qual sua fundação e sua capacidade de trabalho (remunerado), não iria se manter. Sem o desempenho dessa função “feminina”, o ideal de família, que assegura o modelo econômico capitalista, entra em falência (idem).

Recaem sobre as mulheres, em particular, para além da responsabilidade do cuidado, pressões estéticas e ideais de sucesso profissional. A função da parentalidade é tão naturalmente encarada como atribuição feminina que mesmo nos casos que uma relação contratual se estabelece, espera-se que essa seja realizada por uma mulher (CARNEIRO, 2019, p.193).

Segundo Carneiro (2021), é importante pensarmos porque a categoria “cansaço” tem se tornado uma categoria nativa entre aquelas que realizam a função de cuidado. Portanto, refletimos através dessa pesquisa, como esses inter cruzamentos – ser mãe e discente de medicina, permeia a rotina dessas alunas afetando seu olhar sobre si mesmas, suas relação com filhos e parceiro(a), e suas produções diárias - estudantis, profissionais ou ligadas ao cuidado.

Procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa cuja a metodologia escolhida foi a revisão integrativa, devido a possibilidade de buscas referenciais amplas, que inclui artigos experimentais ou não, além de combinar dados teóricos e empíricos, para explorar um tópico em particular. Para a revisão foram selecionadas os termos de busca: “maternidade”, “estudantes de medicina” e “cuidado infantil”, cujo resultado foi de apenas um artigo que não se relacionava com o tema. A retirada deste último termo e o acréscimo do termo “saúde mental” e/ou “mulher” tampouco trouxeram resultados amplos para fazermos a revisão.

Assim, optamos por manter apenas as categorias “maternidade” e “estudantes de medicina” e obtivemos 73 artigos. Aplicados filtros para seleção de artigos em português e inglês, coletamos 68 artigos. Em seguida, selecionamos aqueles disponíveis como “texto completo” disponíveis nas plataformas MEDLINE ou LILACS. Foi selecionado como assunto principal “estudantes de medicina” e obtidos 35 artigos. Após leitura de títulos selecionamos 15 artigos. A partir da leitura dos resumos, escolhemos 11 artigos para verificação.

Resultados

Após análise das publicações selecionadas é possível categorizá-las em três áreas temáticas: cinco estudos que se relacionam a necessidade de implantação de políticas institucionais que assegurem estudantes que exercem a função de parentalidade; dois estudos empíricos sobre saúde mental do estudante e parentalidade; e três pesquisas empíricas sobre características pessoais do estudante de medicina e acometimentos em saúde mental que se relacionavam a sua capacidade de cuidar e se envolver com seus filhos. Foi incluído ainda um artigo que constou nesta busca e que se referia a postergação da maternidade, maior entre o estudante de medicina em comparação ao estudante de direito, o que se relaciona ao envolvimento com a carreira.

Implicações da pesquisa

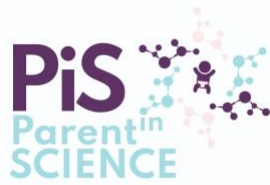
Diante do exposto e já entendendo que pesquisas futuras são necessárias, algumas recomendações são importantes quando nos debruçamos sobre a condição as mães-



estudantes de medicina. Esperamos que a partir desta e outras iniciativas, as escolas médica se impliquem em garantir políticas que favoreçam licença parentalidade, além da instituição de uma rede de consultores identificados e prontos para receberem estes discentes. Outro ponto importante é a possibilidade de flexibilização de grade e horários para que cada genitor, em especial as mulheres, possam administrar suas rotinas a partir de suas necessidades. O apoio sistemático a amamentação, com salas e horários adequados para tal, garantirão que mães possam amamentar seus filhos pelo tempo que se sentirem desejosas, ainda que para isso contem com a extração manual. Por fim, destacamos a necessidade da institucionalização de cuidados infantis, através de apoio financeiro e da existência de locais dentro da universidade, para efetivar o suporte a esses cuidados, além de acordos com creches e escolas próximas. Tornar positivo o olhar sobre mães estudantes, potencializá-las, diminuir seus desafios e os impactos sobre suas carreiras, é um compromisso para toda a comunidade universitária.

REFERÊNCIAS

- Carneiro, R. (2021). Cansaço e violência social: sobre o atual cotidiano materno. *cadernos pagu*, e216313.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista estudos feministas*, 10, 171-188.
- Federici, S. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Editora Elefante.
- Khadjooi, K., Scott, P., & Jones, L. (2012). What is the impact of pregnancy and parenthood on studying medicine? Exploring attitudes and experiences of medical students. *The Journal of the Royal College of Physicians of Edinburgh*, 42(2), 106-110.
- O'Reilly, A. (2021). *Matricentric feminism: Theory, activism, practice*. Demeter Press.



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

Scheffer, M. et al. (2023). *Demografia Médica no Brasil 2023*. FMUSP, AMB. ISBN:
978-65-00-60986-8.